

## PIBID NA EDUCAÇÃO MUSICAL: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL

**PAULO ROBERTO DOS SANTOS<sup>1</sup>**; **FRANCINE DILLI RIBEIRO<sup>2</sup>**; **GLORIA MARIA VIEIRA DOS SANTOS<sup>3</sup>**; **WILLIAN DIOU MATOS<sup>4</sup>**; **LUANA MEDINA DE BARROS<sup>5</sup>**; **REGIANA BLANK WILLE<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – paulinho79musicaufpel@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – francinedr.rib@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - gm67142@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas - williandiou@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas - luanamedinas@gmail.com*

<sup>6</sup>*Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

No final do primeiro semestre, os alunos da graduação em música licenciatura ingressaram no edital do PIBID/Música (nº30/2022), sendo selecionado oito alunos em diferentes semestres, direcionados para uma escola de educação infantil em Pelotas, supervisionado por uma professora de música atuante na escola desde 2022. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior - CAPES busca inserir o graduando nos espaços escolares em parceria com as escolas na rede pública de ensino para o aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a educação básica (CAPES).

A partir da efetivação do edital no mês de julho de 2023, deu-se início às atividades com encontros presenciais e assíncronos semanais, buscando aprimorar os conteúdos musicais. Assim, durante os encontros dos pibidianos com a professora de música foram abordados os desafios encontrados na ministração das aulas de música na educação musical especial, como também o conhecimento aprofundado de deficiências e transtornos.

O termo educação musical especial é denominado por MORALES; BELLOCHIO (2009) a partir de estudos musicais para alunos com necessidades especiais, buscando apresentar e classificar os trabalhos que envolvem educação musical e necessidades especiais e/ou deficiências.

Dante dos desafios da educação musical especial nos espaços escolares, destacamos textos com assuntos voltados para o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA (LOURO, 2012; OLIVEIRA et al., 2013), Deficiência intelectual (DUARTE, 2018), Superdotação e altas habilidades (REBELO, 2016). Os transtornos, deficiências e síndromes estão cada vez mais presentes nos espaços escolares em alunos neurodivergentes (ORTEGA, 2008) a partir das leis e decretos organizados em meados dos anos 90 com a declaração de Salamanca (GLAT; FERNANDES, 2005).

### 2. METODOLOGIA

Os estudos sobre educação musical especial foram realizados a partir de textos que expusessem o assunto, convergindo para discussões e fomentações na formação docente do graduando em música. Assim, utilizamos como referencial LOURO (2012), SCHMIDT (2016) e OLIVEIRA (2013) para discursarem sobre o



tema, buscando contribuições e conhecimentos nas observações, planejamento e envolvimento dos pibidianos com alunos neurodivergentes na sala de aula.

A partir dos estudos sobre educação musical especial, destacamos que uma criança neurotípica é aquela que não manifesta alterações neurológicas (ORTEGA, 2008), ou seja, ela possui uma predisposição maior em se adaptar a novas propostas, pouca dificuldade em socializar e não tem a fala comprometida. Já as crianças neurodivergentes apresentam um funcionamento neurológico diferente do comportamento esperado na socialização (ORTEGA, 2008), isto é, demonstram comprometimentos na coordenação motora, socialização, adaptação, podendo ter também a fala comprometida.

Os desafios da educação musical especial são diversos a partir das especificidades de cada aluno, que estimula o docente em formação para o conhecimento e preparação de conteúdos que inclua o aluno nas atividades musicais propostas. Um dos principais desafios no ensino de música na educação especial é fazer com que o aluno se sinta acolhido pelo restante da turma e além disso, fazer com que ele consiga atingir os objetivos propostos nas aulas (LOURO, 2012). Também é comum a falta de meios que possam contribuir para que esse aluno não acabe ficando isolado e a mercê na aula, com falta de equipamento e preparo necessário para com o mesmo.

A educação musical se torna um grande aliado na educação especial a partir das estratégias lúdicas, expressivas e padrões repetitivos que auxiliam no envolvimento e aprendizado do aluno a partir da organização neurológica (LOURO, 2012).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As inquietações que levaram o grupo de pibidianos a discursarem sobre o tema educação musical especial foi a baixa abordagem sobre o tema dentro da universidade (FANTINI et al., 2016), pois acreditamos ser cada vez mais necessário e importante que esse tema seja abordado no ambiente acadêmico. Tendo em vista que a própria universidade abriga alunos com esses transtornos, como também alunos que participam de projetos que a universidade oferece para a comunidade. Esses alunos chegam até nós com o transtorno, alguns com diagnóstico e outros sem o diagnóstico. A partir da permanência do aluno participando do projeto, é observado que essa criança pode ter alguma necessidade especial, como transtorno ou debilidade neurológica.

Os relatos dos pibidianos a partir das visitas escolares e dos encontros síncronos trouxeram questionamentos diante dos desafios enquanto docentes em formação nos espaços escolares, principalmente nas adaptações e preparação de conteúdos na sala de aula.

Nos encontros semanais na escola, um dos pibidianos acompanhou um aluno com autismo severo durante a aula de música na segunda semana de observação. O aluno com TEA é não-verbal, apresenta pouca socialização, chorando em momentos pontuais, como também dificuldade de adaptação quando levado para a sala de multimeios. O aluno precisa de um monitor durante a aula de música, pois chora ao adentrar no espaço escolar e na mudança de atividades. A dificuldade do aluno pode ter ocorrido devido ao período da volta do recesso escolar, pois indivíduos com TEA precisam de rotina para estabilidade e segurança durante as atividades, buscando a previsibilidade e organização através de padrões durante a aula de música (LOURO, 2016).

Um mês depois desse ocorrido, o mesmo aluno interagiu com os professores por meio das atividades musicais, com recursos visuais como Borboletas de EVA, utilizadas como auxílio na canção "Borboletinha". A canção foi repetida várias vezes enquanto o aluno interagia. No momento seguinte da aula, outra canção foi reproduzida com características de percussão, onde o aluno alegremente começou a bater no pote no qual as borboletas estavam guardadas. Então a professora pegou a bandinha que ela havia feito a partir de embalagens recicláveis como recurso para o aluno fazer a percussão junto ao ritmo da música. Nesse dia a aula foi somente com ele e, foi justamente o dia no qual ele interagiu muito, comparado com as aulas anteriores.

Infelizmente, ainda há falhas para lidar com alunos que possuem uma necessidade específica. Muitas escolas não possuem suporte para o recebimento desses alunos e muitas vezes, a própria família do aluno não está pronta para lidar com as especificidades da criança. E isto torna o desenvolvimento desse aluno nas aulas ainda mais restrito.

Nas escolas onde os alunos do PIBID participam como observadores é percebido diversas crianças com o TEA, o que gerou necessidade de estudos que aprofundassem o conhecimento para os futuros professores, que após formados ocuparão esses espaços, estando à frente do trabalho com diferentes alunos com necessidades especiais. Não obstante, se os pibidianos não tiverem contato desde o processo de formação docente com tais conteúdos que abordem esses temas, questiona-se a preparação destes, ou seja, como irão saber atuar com alunos com necessidades especiais.

#### **4. CONCLUSÕES**

Os estudos sobre a educação musical especial vem crescendo no campo científico de acordo com os resultados descritos por FANTINI et al. (2016), porém requer mais estudos sobre o assunto no campo da educação musical, pois o aumento de alunos neurodivergentes requer estratégias para o envolvimento e aprendizado do aluno nas atividades musicais.

O conhecimento da educação musical especial na formação docente dos pibidianos em graduação se torna necessária em virtude da falta de disciplinas e conteúdos diretamente ligados ao ensino com alunos com necessidades especiais. Através dos debates e discussões, percebe-se a importância das informações e aprendizagens que ela nos traz. Além disso, o conhecimento prepara os alunos em graduação para o momento em que tiverem que dar uma aula para uma turma que tenha alunos com alguma necessidade especial. O aprofundamento desses temas durante as reuniões do PIBID nos permite uma experiência de debates e conhecimentos, oportunizando uma capacitação maior.

Contudo, os estudos que promovem debates e argumentos para a educação musical especial, além das experiências no período de formação docente, são necessários para agregar experiência no processo de ensino dos pibidianos, transformando, de modo considerável e positivo, na formação docente em andamento. O aprendizado com imersão nos assuntos da educação musical especial requer ser consolidado na grade curricular dos alunos da graduação em música licenciatura.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Pibid: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.** Acesso em 12 de set. de 2023. Disponível em: <http://capes.gov.br/educacaobasica/capespibid>.

DUARTE RCB. Deficiência intelectual na criança. **Resid Pediatr.** 2018;8(0 Suple.1):17-25 DOI: 10.25060/residpediatr-2018.v8s1-04.

FANTINI, Renata Franco Severo; JOLY, Ilza Zenker Leme; ROSE, Tânia Maria Santana de. Educação musical especial: produção brasileira nos últimos 30 anos. REVISTA DA ABEM | Londrina | v.24 | n.36 | 36-54 | jan.jun. 2016.

GLAT, R.; FERNANDES, E. M. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. Revista Inclusão, MEC/SEESP, n. 1, 2005.

LOURO, V. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência.** São Paulo: Editora Som, 2012.

MORALES, D. S.; BELLOCHIO, C. R. A educação musical especial em produções dos Encontros Nacionais da ABEM. In: **CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL**, 18, e SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15, 2009, Londrina. Anais... Londrina: ABEM, 2009. p. 114-126. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais\\_abem\\_2009.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abem_2009.pdf). Acesso em: 12 set. 2023.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo. **Desenvolvimento musical de crianças autistas em diferentes contextos da aprendizagem: um estudo exploratório.** 2015. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais.

ORTEGA, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Scielo**, Mana, v.14, n. 2, p.477-509, 2008.

PÉREZ, S.G.P.B. **O adulto com Altas Habilidades/Superdotação: um sapo de outro poço. Educação Especial na EJA: contemplando a diversidade.** Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2007.

SCHMIDT, C. et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicol. teor. prát.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 222-235, abr. 2016.